

Grupos de trabalho podem ser reativados por Aníbal

Aylê-Salassié

A poderosa Secretaria de Planejamento da Presidência da República (Seplan), que transformou os ministros Roberto Campos, Mário Henrique Simonsen e Delfim Netto em "super-ministros" da República ao longo do período autoritário, sofreu ontem aparentemente, um duro golpe: teve alguns de seus principais órgãos transferidos para outros ministérios ou simplesmente extintos.

A primeira impressão é a de que o presidente José Sarney está tentando esvaziar a Seplan, ao retirar dela atribuições executivas, tendo em vista fortalecer o Ministério da Fazenda e concentrar nele poderes de um Ministério da Economia.

Entretanto, a versão palaciana é outra: Sarney pretende reativar os antigos grupos de trabalho criados no período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, como forma de retomar o modelo de crescimento econômico proposto pelo ex-presidente com slogan "cinquenta anos em cinco". Por essa razão, Sarney manteve na Secretaria de Planejamento o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), ao qual, no passado, coube agilizar os projetos originados nos grupos de trabalho. Assim ocorreu nas áreas automobilística,

siderúrgica, construção naval e em outros setores, com a única diferença de que os grupos de trabalho, embora constituídos por empresários brasileiros e estrangeiros e pelo governo, eram orientados essencialmente por uma empresa de consultoria técnica — a Consultec extinta —, da qual era principal acionista o senador Roberto Campos e outros, como Lucas Lopes, que, como ele, foram depois acusados de entregar o país ao capital estrangeiro.

Parece que esse perigo não existe hoje, a menos que o governo insista — como pretende — na transformação de parte da dívida externa em capital de risco de empresas nacionais.

A base, entretanto, do novo projeto está assentada principalmente no BNDES e no Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND). São esses os dois únicos instrumentos de financiamento de que o governo poderá dispor num programa arrojado de investimentos, via grupos de trabalho, diante da indecisão dos empresários brasileiros e estrangeiros em embarcar nas propostas econômicas do governo.

Assim, Aníbal Teixeira, autor no governo Kubitschek de aproximadamente 250 projetos de desenvolvimento, deverá esforçar-se por montar esses grupos de trabalho, o que exigirá uma certa liderança do novo ministro, principalmente junto aos intelectuais do Planejamento.